

Hipóstase

*“o que em mim contempla, produz
um objecto para a contemplação.”*

(Plotino, Eneidas III, 8,4)

A actual exposição de Lourenço de Castro, intitulada *“Plantar um jardim dentro de uma janela”*, apresenta quatro sequências narrativas visuais dispostas linearmente no espaço, definindo um itinerário poético preciso que nos encaminha do caos para a ordem, num esquema de processão e conversão simultâneos, de derramamento e recolhimento da energia criadora do artista.

No essencial, cada uma das pinturas reflecte, cada qual à sua maneira, sobre a génese de uma imagem; sobre o movimento que conduz à epifânia de uma forma que resgata e justifica a sua existência como coisa autónoma e nos recorda que *“sob o rio corrente das formas e das imagens, a atracção pela terra, o nosso peso, repouso, a face sobre, sob, dentro.”* (Maria Filomena Molder, *“O Pensamento da Forma: Consentimento e Louvor do Caminho Intermédio”*) ...a forma que faz desencadear a nossa percepção e a nossa contemplação, *“habitação da permanência, do instante ou do que vai passando, do equilíbrio daquilo que se gera e se corrompe, dos movimentos opostos”* (Id.), uma imagem do pensamento, em suma.

“Consideradas individualmente, estas imagens têm uma composição organicista e são sempre o resultado da sobreposição de camadas, tanto visuais como matéricas”, afirma o artista. Mas enquanto que nas primeiras pinturas, fragmentos de formas indefinidas, muito matéricas, irrompem de um novelo intrincado de pinceladas pulsionais, espasmódicas e gestuais, que inscrevem no suporte a sua filiação dionisíaca, nas últimas séries sobressaem os princípios ordenadores apolíneos do equilíbrio, da moderação e da razão. A verticalidade do suporte e a sua ocupação integral, o imediatismo e rapidez do gesto, inscrevendo no papel o impulso do seu nascimento e as posteriores intervenções de Lourenço de Castro testemunham as inquietações do artista sobre como se constitui uma imagem... e, *“no meu caso particular, como é que se relaciona a sua natureza intrinsecamente performativa com o instante em que ela é criada e com um juízo cultural que mede e pondera. Também a questão dos limites do suporte me ocupa, não como janela aberta para o mundo, mas como janela aberta sobre si mesma, sobre a sua própria substância, enquanto fronteira que delimita as possibilidades criativas infinitas, particularizando cada imagem e conferindo-lhe uma identidade irrepetível.”*

José Sousa Machado

Novembro 2020